Produzir

MEU 'MUITO OBRIGADO'



Cesário Ramalho da Silva*

ESTE É meu último artigo como presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB) para a revista ***Agroanalysis***. Foram sete anos e oitenta e quatro textos dos mais variados temas que importam para o produtor rural, para o agronegócio em geral e, consequentemente, para o País. Neste período, observamos atentamente as transformações pelas quais o agro passou. A evolução do setor é tão clara que o fez tornar-se a menina dos olhos das próximas eleições gerais. Nunca o agro foi cortejado pelos políticos como está sendo agora.

O setor incorporou tecnologia, qualificou processos, capacitou recursos humanos e melhorou a gestão. Esse avanço impulsionou o agro a garantir a segurança alimentar de nosso País, bem como a sustentar nossas exportações, não só com comida, mas também com fibras e agroenergia. Não custa lembrar que, se não fossem as vendas externas de produtos agrícolas, nossa balança comercial amargaria resultado negativo.

O sucesso do agro descortinou um Brasil (até então) desconhecido por muitos cidadãos das grandes metrópoles. Modernas fazendas, plantas agroindustriais de ponta, cooperativas que são verdadeiras fábricas de alimentos, cidades crescendo. Tudo isso veio à tona com a exposição midiática do setor rural, mostrando que o agro vem num processo silencioso, mas contínuo, mudando a geografia socioeconômica do Brasil.

Regiões esquecidas, subdesenvolvidas, sem futuro tiveram sua história modificada. O MAPITOBA é um exemplo, com suas terras de elevada aptidão para agricultura, que vivenciaram o florescer de um mundo totalmente novo, e próspero. Além disso, fronteiras agrícolas mais antigas, como o Centro-Oeste, cresceram ainda mais, galgando posições em *rankings* de desenvolvimento socioeconômico, como o IDH.

E o êxito do agro não se restringiu apenas à sua respectiva cadeia produtiva. Longe disso. A agricultura e a pecuária "bombando" beneficiaram a indústria, o comércio e os serviços. O lucro de 1 hectare de soja reverte-se na fabricação de uma geladeira nova, na compra de um carro novo, na inauguração de um novo supermercado, criando um ciclo virtuoso, pautado por geração de riqueza, emprego e renda.

Criamos um jeito próprio de fazer agricultura e pecuária nos trópicos, que resultou num agro forte, competitivo, diversificado e respeitado. Afinal, o setor rural brasileiro abrange tanto o modelo americano, focado na produção em larga escala de *commodities*, como o europeu, voltado aos nichos de mercado.

Vencemos batalhas institucionais e mercadológicas importantes, como a aprovação do novo Código Florestal e a consolidação da Biotecnologia, respectivamente. A nova legislação ambiental é muito mais verde, porque prevê recomposição de áreas e não tem nada de anistia; promove o equilíbrio entre produção e proteção. A expansão das sementes geneticamente modificadas reduziu custos, aumentou a produtividade e diminuiu o uso de defensivos, gerando assim desdobramentos positivos até a mesa do consumidor.

Desafios

No entanto, é óbvio que nem tudo foi positivo. O agro ainda sofre com estereótipos perante o meio urbano; o governo federal surfa na onda do setor sem lhe dar corretamente o devido crédito; o fogo amigo também existe – o que é extremamente triste e prejudicial; correntes intelectuais – nas esferas do serviço público e, também, privado – alimentam preconceitos e atacam o setor, ancoradas em pura ideologia.

É claro que o sucessivo aumento de recursos dos Planos Safras foi importante e merece elogios, mas não mais basta. A burocracia que predomina no âmbito estatal e o intervencionismo reduzem os efeitos positivos.

Além disso, infelizmente, o fantasma da insegurança jurídica voltou a rondar o campo. Invasões de fazendas e contestações de títulos de propriedades legítimos colocam em xeque o direito de propriedade, provocando um cenário de absoluta incerteza para inúmeras famílias e, por que não, para o País. Em pleno 2014, soa inconcebível ainda lidarmos com este tipo de indefinição. Essa será uma questão relevante no debate eleitoral, e a Sociedade Rural Brasileira, agora sob novo comando, estará – como sempre esteve – atenta. ■

* Produtor rural e presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)